

Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM



Lourdes
Sprenger



Mônica
Leal



Aldacir
Oliboni



Cláudia
Araújo



Psicóloga
Tanise
Sabino



Ramiro
Rosário

030ª COSMAM Audiência Pública 24SET2024

Pauta: Audiência Pública para apresentação, por parte da SMS, do Relatório de Gestão de Saúde do 2º quadrimestre de 2024.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): (10h12min) Damos início a esta audiência pública. Vamos ler o edital

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições legais, COMUNICA à comunidade Porto-Alegrense a realização de Audiência Pública destinada à apresentação, pelo Poder Executivo, do Relatório de Gestão da Secretaria Municipal de Saúde referente às atividades de gestão da saúde do 2º quadrimestre de 2024, em atendimento ao § 5º do art. 36 da Lei Complementar Federal nº 141, de 13 de janeiro de 2012 (ações e serviços públicos de saúde), no dia 24/09/2024 (terça-feira), às 10 horas, na Sala de Reuniões nº 303 da Câmara Municipal de Porto Alegre, na Av. Loureiro da Silva, 255, Bairro Centro Histórico. Porto Alegre, 09 de setembro de 2024. VEREADOR MAURO PINHEIRO, Presidente.

Estão presentes a Ver.^a Tanise e o Ver. Oliboni. De imediato, chamo o nosso secretário de Saúde, Sr. Fernando Ritter; o Dr. Leonardo Guarise Barrios, promotor de justiça do Ministério Público de Porto Alegre; Dr. Cincinato Fernandes Neto, do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas; Dr. Roberto Vinícius Silva Saraiva, vice-presidente de Cooperação Internacional e Desenvolvimento Sustentável de Comissões de Relações Internacionais e Integração do Mercosul e membro da Comissão Especial de Direito a Saúde e Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Rio Grande do Sul – seja bem-vindo; também estão presentes diversos gestores da Secretaria de Saúde, temos o diretor-geral da SMS, Paulo Guimarães, e o cumprimentando, cumprimento os demais representantes da Prefeitura.

Secretário, gostaríamos de apresentar até as 11h, no máximo, para poder ter os questionamentos; caso não sejam respondidos na hora, vamos encaminhar por escrito.

SR. FERNANDO RITTER: Bom dia, Ver.^a Lourdes, presidente desta Comissão de Saúde; Ver.^a Tanise Sabino e Ver. Oliboni, por meio deles cumprimento todos os vereadores da Casa; queria cumprimentar nossos colegas que estão aqui, nossos diretores, representando todas as áreas da Secretaria Municipal de Saúde, afinal de contas, esse é um relatório de gestão do trabalho de todos nós. Um trabalho feito a várias mãos, uma equipe bastante comprometida, realmente foi um quadrimestre totalmente diferente de todos que a gente já tinha vivenciado nas últimas décadas.

Essa é um pouquinho da missão que a gente sempre coloca, então o nosso objetivo é sempre respeitar os princípios do SUS, a universalidade de acesso, tentando usar o planejamento de gestão para priorizar quem mais precisa.

Queria cumprimentar as entidades aqui presentes, todos que estão aqui, este é um relatório de gestão que a gente trabalhou intensamente nesse pior momento da história de Porto Alegre, a calamidade pública assolou a nossa cidade, nosso Estado do Rio Grande do Sul, as enchentes, o pior problema climático brasileiro,

que mostra o quanto precisamos avançar como estado para a gente poder se proteger. Não existe um município isolado, a Região Metropolitana foi muito afetada, principalmente pela comunicação entre os rios, e isso atingiu diretamente a Secretaria Municipal de Saúde. Para quem não sabe, nós tivemos 26 unidades de saúde atingidas, no momento ainda restam 12 a retomar as atividades, as demais unidades já voltaram, num esforço de 4 a 5 meses a gente já conseguiu restabelecer a maioria dos serviços, mas nunca deixamos de assistir as pessoas.

Só para lembrar, Ver.^a Tanise, como é uma área que te afeta diretamente, nós nunca deixamos de atender os nossos pacientes de saúde mental. O CAPS AD Centro Céu Aberto está provisoriamente na Av. João Pessoa, 2.384, e o CAPS Pernambuco no CTG Vaqueiros, mas jamais deixou de atender e acolher as pessoas. Além disso, nós temos o Centro Humanitário de Acolhimento – CHA, que é aquela moradia provisória, com aproximadamente 250 pessoas acompanhadas pela unidade de saúde, a gente fez questão de trazer isso, porque talvez um dos maiores problema que a gente vem enfrentando e que vá enfrentar pelos próximos anos é a saúde mental, por isso nós investimos em várias ações em saúde mental.

Aqui mostramos a reabertura da Farmácia Distrital Navegantes; então ela já foi reaberta, o esforço e um trabalho de todos. Eu queria agradecer ao pessoal da Secretaria Municipal de Saúde como um todo, mas especialmente ao pessoal responsável pelas obras que foi incansável para botar essas atividades de volta. A reabertura do Centro de Saúde Navegantes; então os dois maiores centros de saúde, esse já está parcialmente reaberto e, nos próximos dias, vai reabrir na totalidade – é o segundo maior centro atingido –, o primeiro foi o Santa Marta, e agora o Navegantes. A Ilha da Pintada também, nós estamos entregando quase, nos próximos dias, estão prontas a pintura, a adequação; essa não foi afetada na estrutura, eu queria lembrar que as outras duas Unidades de Saúde – das Ilhas: Ilha dos Marinheiros e Ilha do Pavão –, elas precisam ser colocadas abaixo e reconstruídas, porque foram atingidas as suas estruturas, teve movimentação de solo e rachou a Unidade de Saúde, tem risco de permanecer a estrutura,

então essas terão que ser reconstruídas. Mas nós vamos manter unidades provisórias lá com carretas e outras estruturas sem prejuízos maiores para a população, lembrando que a gente tem postos avançados lá, tem ações dos nossos trabalhadores dentro das casas das pessoas, em espaços sociais – a gente tem feito todos os atendimentos. Referente à Farmácia Distrital Santa Marta, eu queria lembrar que ontem nós colocamos em funcionamento praticamente a totalidade do Santa Marta, com a volta do elevador, mais uma vez um muito obrigado às equipes que se dedicaram ao retorno dessas atividades.

Com relação à dengue, eu acho que é importante, a dengue é um dos fatores que nos preocupam com todas essas questões de água, agora nós estamos começando um processo de calor intenso. Então nós temos fatores determinantes, a variabilidade climática que causou todo esse desastre, associada ao calor, nós estamos preocupados. Nós já arrancamos com um nível de alerta 2, em que o índice de *Aedes* fêmeas adultas, ele ainda está alto no Município de Porto Alegre. O número de casos confirmados, média, limite superior; então nós estamos no nível 2, já chegamos ao nível 3, estamos no nível 2 neste momento. Se a gente pensar que anos atrás, a gente, neste momento estava em nível 0, nós já partimos do nível 2, por isso nossas ações são de extrema importância. Então aqui só para lembrar todos, nós temos o nosso *site*, onde está o *Aedes* com todas as orientações com relação à dengue: o acompanhamento, as nossas armadilhas, o índice de infestação de fêmeas que a gente controla para ver como está a situação.

Nós já estamos com a nossa oficina na semana que vem, nós estaremos atualizando o nosso plano de contingência para a dengue. Então nós vamos fazer, desta vez, ações mais rápidas para que, já no mês de outubro, a gente já tenha o Plano Municipal de Contingência para 2025. Aqui, como é que está a situação do acompanhamento semanal dos casos; então isso aqui é a incidência acumulada nas primeiras 21 semanas de 2024 e o quadro menos pintado ali mostrando realmente quais são os bairros, onde hoje a gente tem uma preocupação. São dois bairros especialmente, mas a gente vem monitorando.

Isso é um trabalho de excelência, de inteligência que a gente faz, coordenado pela equipe de Vigilância em Saúde aqui do município de Porto Alegre. Também está tudo no *site*, onde está o *Aedes*, então sugiro que quem não conhece olhe todas as informações estão ali presentes, e a gente faz todo o acompanhamento. Lembrando que a gente continua com as ações de controle, aplicação de veneno, introduzindo a aplicação também dentro das casas das pessoas, isso é de extrema importância, e a organização de fluxos para atendimento rápido das pessoas. Aqui só para mostrar para vocês, nós tivemos 37.489 notificações, 10.956 casos confirmados, maior número de casos da história, mas isso é uma tendência. É uma tendência porque a gente acredita sim que... No próximo *slide*, eu vou mostrar para vocês, os casos confirmados, 9.965, e 11 óbitos. Vocês podem ver que, embaixo 2023 e em cima 2024; então, em 2023, nós tivemos casos em todas as semanas epidemiológicas, claro que o pico maior sempre é a partir de março, abril, maio – são os meses que nos preocupam mais –, mas a gente nunca deixou de ter casos confirmados em 2024. Essa tendência se confirma, então é um problema de saúde pública que avança e que nós temos que usar muito mais a nossa capacidade de inteligência para poder fazer isso. O que chama atenção é que o trabalho de educação permanente dos nossos profissionais tem dado certo, porque a gente tem suspeitado de muito mais casos. É melhor a gente suspeitar e depois a gente não confirmar do que, no caso de 2023, praticamente, o que a gente suspeitava a gente confirmava. Então a gente teve um grande número e isso é uma ação que a gente intensifica, porque, quanto mais precoce a gente identifica os casos, menos chance de ter um agravamento da situação.

Outras doenças relevantes epidemiologicamente, talvez algumas pessoas não tenham se dado conta, mas a gente tem doenças transmissíveis importantes. Temos a então nós temos a Oropouche, que é uma doença que a gente vem controlando desde rumores. Nós também temos a Monkeypox, então a gente fez alertas com relação à Monkeypox, orientações, tudo no *site*, e mais a coqueluche. Não é só alerta, a gente não só avisa, a gente chama todos os nossos prestadores de serviços, colaboradores, faz atividade de educação

permanente. A gente tem um painel de monitoramento de todas as doenças, fazemos também reuniões sistemáticas quinzenais para tratar sobre doenças emergentes que possam causar problema e a gente tem que conseguir controlar. Então é importante sempre frisar que isso tudo sempre vem com muita antecedência, não é novidade para nós, e a gente consegue controlar aí a partir desse processo de inteligência integrado entre todas as diretorias da Secretaria Municipal de Saúde, começando ali pelo trabalho de excelência da Vigilância, as ações dentro das atenções hospitalares, os nossos hospitais próprios e parceirizados, conveniados, contratualizados. Nós também temos o trabalho das nossas equipes da Secretaria Municipal de Saúde, para que a gente possa evitar aí o problema. Então a gente vem discutindo isso com todos os atores.

A Operação Inverno – eu queria aqui reforçar que nós decidimos, então, prorrogar por 30 dias a Operação Inverno, terminaria agora no dia 30 de setembro, em função aí dessas queimadas, em nível nacional, que infelizmente ainda não conseguem corrigir esse problema, e nós aqui, no Rio Grande do Sul, estamos sofrendo muito. Nós tivemos um aumento do número de casos, especialmente no final de agosto, início de setembro, comparado ao um dos piores momentos da pandemia, da covid, a procura pela emergência por problemas respiratórios, vereadores, foi extremamente alta, são números que a gente não alcançava desde 2020, quando nós tivemos pico, e em 2021, que a gente também teve picos. Então é importante, por isso a gente decidiu prorrogar e fazer o investimento de manter boa parte dos equipamentos abertos para manter o atendimento das pessoas, então nós vamos prorrogar por 30 dias.

Aqui só para mostrar a vocês, então, a vacinação. A nossa grande questão é a vacinação. Então, eu queria reforçar aqui, na Casa do Povo, a necessidade de a gente incentivar a vacinação. Infelizmente, a gente chegou a 57,7% apenas dos idosos, mas o bom é que as nossas equipes de Atenção Primária à saúde, junto com as equipes de Vigilância, foram nas casas das pessoas, então os pacientes mais críticos, aqueles acamados, restritos aos domicílios, essas foram vacinadas, e quem não foi vacinado ainda há possibilidade de ser vacinado, basta entrar em contato com serviço de saúde mais próximo, através do

WhatsApp, ou através do 156, que nós vamos deslocar a equipe para o atendimento. Os residenciais terapêuticos também foi o nosso foco. As crianças, a gente cresceu comparado aos outros anos, mas a gente fez ações, nas escolas, de vacinação, retomamos todos os processos nas escolas. Mas as famílias ainda não se atentaram da importância da vacinação. As vacinas salvam vidas e elas previnem a forma grave. Para quem acha que tomar a vacina vai evitar que tenha a gripe, seja ela de qual cepa for, não é verdade, ela vai evitar a forma grave, isso é o mais importante.

Aqui queria destacar também que, durante o período em que as unidades atenderam pessoas de todos territórios, nós tivemos que lançar mão, para quem não lembra, nós trabalhamos com território fechado. Cada unidade de saúde tem uma população restrita, justamente para fazer o acompanhamento longitudinal dessas pessoas. A gente, durante esse momento de enchente, abriu, então qualquer pessoa poderia ser atendida em qualquer unidade, lembrando que qualquer pessoa pode ser atendida em qualquer unidade em situações de urgência, emergência, mas, para o acompanhamento longitudinal, o acompanhamento sistemático do seu problema e da sua família, é a sua unidade de referência da sua casa. Então a abertura de unidade de saúde sábados, domingos e feriados, a São Carlos, Beco do Adelar, José Mauro Ceratti Lopes, Unidade Saúde Tristeza, Moab Caldas, Assis Brasil, Modelo, Conceição, começando de manhã e se estendendo até o final do dia, às 19h, justamente para a gente poder tentar desafogar as portas de emergências aí.

Aqui também as internações na Operação Inverno. A gente teve muita internação, solicitações de internação, então a UTI adulto representa 15,8%; a UTI pediátrica, 56%; e as enfermarias adultos, então, quanto por cento isso representa. Eu queria destacar aí que foram mais de 8.975 de solicitações de internações só em enfermaria; UTI, foram 2.893, para dizer quanto as equipes trabalharam nesse período.

Aqui só para mostrar: daquilo que foi aprovado nesta Casa, 119 contratações temporárias. A gente chamou as pessoas dos concursos que a gente tem; fez

processos seletivos temporários e a gente conseguiu colocar 88 pessoas para nos ajudar durante esse período do inverno.

Aqui só mostrando um pouquinho para vocês, desculpa, mas está dando algum problema no projetor, talvez uma limpeza na lente ali ajudaria, no futuro aí, vereadora, porque, às vezes, fica... Recomendar a limpeza, peço desculpa, não está desfocado, está, gente? Provavelmente seja a lente, não é a sala que a gente costuma utilizar, inclusive, eu fui na outra sala e sentei, eles ficaram me olhando, pensando assim: não é aqui, e a gente veio para cá. Peço desculpa. Mas vocês podem ver que ainda os problemas respiratórios, os vírus respiratórios se destacam não mais como em 2020 e 2021, que essa cor, que é para ser rosa, era covid e agora o que se destaca são problemas respiratórios: H3N2, influenza B, todos os vírus essenciais são os destaques.

A nossa rede de saúde, então, vocês sabem que ela é bastante extensa. Para quem não conhece a nossa rede, só acessar o *site* geosaude, ali vocês vão ver toda a nossa rede, o nosso exército de trabalhadores que fazem o atendimento aqui no Município de Porto Alegre. Então, 134 unidades de saúde, 115 dessas contratualizados com parceiros – Hospital Vila Nova, Hospital Divina Providência, Hospital Santa Casa e o instituto IBSaúde. São cinco próprias, três conveniadas com o Hospital de Clínicas, com a PUC, uma unidade móvel, são 14 equipes eMultis. Então, eu queria aqui reforçar, Ver.^a Tanise, que esse é um dos pilares do seu mandato, nós agora, no quadrimestre, nós temos 14 equipes multiprofissionais. As equipes multiprofissionais são equipes de especialistas dentro das unidades básicas de saúde, porque nós acreditamos na possibilidade de a gente manter as pessoas dentro do território. Agora são 24 equipes, então na semana passada entraram dez novas equipes, Ver. Oliboni, com 2.400 horas de profissionais, compostas por nutricionistas, assistentes sociais, educadores físicos, fisioterapeutas, psicólogos e psiquiatras. O foco maior dessas 2.400 horas é em saúde mental; 800 horas de psicólogos, dentro das unidades básicas de saúde agora. Agora, nas UBS, 1.000, dessas 2.400 horas, são profissionais da saúde mental, 800 horas de psicólogo, 200 horas de psiquiatras e mais o fonoaudiólogo, porque nós também temos um trabalho intenso de a gente fazer

a transição do cuidado da rede, dos serviços que atendem crianças atípicas para serem atendidas nas unidades básicas de saúde mais perto da sua casa. São 134 unidades de saúde; 48%, agora, estão cobertas. É o maior investimento em especialistas na história de Porto Alegre, dentro da atenção primária à saúde. Então, nós temos a pretensão, vamos deixar aí como projetos para o próximo ano, de ampliar essas equipes para a gente reduzir os encaminhamentos para os serviços especializados. Além disso, nós temos cinco equipes de Consultório na Rua, dois ambulatórios trans, uma equipe multidisciplinar indígena, nove equipes de saúde prisional, dez quilombos atendidos por nove US, seis unidades socioeducativas da FASE, que fazem esse complexo de atendimento especialmente voltado à atenção primária à saúde, além de 19 hospitais contratualizados, nossos centros especializados como o IAPI, o Santa Marta, nós temos o Camaquã, nós temos também no Murialdo – são alguns exemplos de centros de especialidades que a gente coloca. A gente agora vai trabalhar em rede mais ainda com o foco de revisar todas as nossas filas, reavaliar as pessoas dentro das unidades de saúde, com o objetivo de a gente atender mais próximo da sua casa. O Prometa, então, só para mostrar alguns indicadores, cobertura populacional, a gente está com 81,53%. Eu queria que só clicasse ali em cima do indicador ali do Prometa, pode clicar para mim em cima ali? Então, só para mostrar aqui para vocês, vejam a evolução. Para quem insiste, a gente infelizmente ouve tantas coisas tristes, nesse período aí, não é vereadores? As pessoas, às vezes, não olham. Esses são os dados do Ministério da Saúde. Nós temos uma cobertura, hoje, de 389 equipes de atenção primária à saúde, compostas por 326 equipes de saúde da família e o restante equipe de atenção primária à saúde, que são modalidades que o Ministério da Saúde coloca; então nós estamos com 82% de cobertura de saúde da família – uma das maiores coberturas em capitais. Esse é o investimento. E agora com as equipes multiprofissionais eu não tenho dúvida, e não existe milagre que com promessas vazias, *fake news* e soluções mágicas não se resolve o problema da saúde pública. Eu acho que é investimento, planejamento, organização e definição de prioridades. Prioridades essas que passam por avaliação financeira, baseada

nas melhores evidências, discutido com os atores envolvidos dentro desse processo e num processo de integração de rede, não só do Município, como também do Estado, afinal de contas a capital de todos gaúchos é, sim, o porto seguro de todos os gaúchos. Infelizmente ou felizmente para as pessoas que aqui aportam em Porto Alegre, que vêm aqui para buscar o seu atendimento, onde não conseguem, pois existe uma desorganização da rede de saúde do Estado do Rio Grande do Sul sim, porque nós estamos sendo buscados para serem atendidos especialmente em alta complexidade, mas cada vez mais em média e baixa complexidade, a gente tem sido procurado pelas pessoas para poder fazer o atendimento, porque aqui nós temos sim o serviço. Aqui a cobertura de saúde bucal. Com relação a horário de funcionamento ampliado, nós temos, então, unidades de saúde que funcionam até às 22h. Lembrando que o Santa Marta ficou prejudicado por causa das enchentes, mas ontem retomamos o atendimento nos turnos ampliados. Contando unidade de turno ampliado até as 19h, 20h, 22h. A gente tem o número de equipes, esses serviços de saúde bucal estão estruturados com acesso à prótese dentária. Então nós estamos ampliando o serviço de oferta e serviço de prótese dentária, então tem o Grupo Hospitalar Conceição, e há muitos anos só existia o GHC, e agora nós temos o SESC Navegantes, o SESC Alberto Bins fazendo, fazendo atendimento também através de um contrato que firmamos com eles.

A implantação do Centro de Referência do Transtorno do Espectro Autista.

A ampliação do horário de funcionamento das farmácias distritais.

Então, são algumas das ações e indicadores pró-meta.

Eu não vou entrar em muito detalhe, porque eu quero mais é ouvir também.

O coeficiente de mortalidade infantil. Nós temos a meta de 8,5% 10,1%. O Ministério da Saúde está com atraso nos registros dos dados, de nos passar esse processo, então, um pouco desse quadrimestre - eu vou mostrar aqui para vocês - tem esse delay de dados, e a gente está sempre buscando os dados que são registrados lá, para que não haja dúvida da transparência do processo. Os nossos números são melhores, mas a gente mandou pra lá e tem um processo de inconsistência de retorno desses dados.

Cobertura vacinal da população covid-19. Nós estamos lembrando que a cobertura são as duas doses: 96,8%.

Cidadãos acessando o sistema de prontuário eletrônico. Hoje, são mais de 96 mil pessoas acessando pelo telefone. Lembrando que é só entrar no site da Prefeitura e acessar seu prontuário, seus dados, suas informações, suas marcações de consultas pelo telefone.

E os mutirões de cirurgias. A gente tem dez mutirões, alguns no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas.

Investimentos. Então, eu queria lembrar que nós introduzimos o Programa Agiliza, em que foram reservados R\$ 53 milhões, com o objetivo de a gente reduzir o tempo de espera nas filas. Mas, nesse primeiro momento, a gente acabou tendo que fazer um grande investimento em equipamentos e estruturas. O SAMU, foram R\$ 4,4 milhões. Nós trocamos toda a frota do SAMU, que era um dos nossos objetivos. Desde muito tempo não se trocava a frota e nós trocamos toda a frota do SAMU de Porto Alegre, hoje, com equipamentos modernos, com tecnologias que a imensa maioria dos SAMUs no Brasil não têm. Foi o maior investimento que a gente pode fazer e tem salvado muitas vidas. Então, para o Hospital Materno Infantil Presidente Vargas foram destinados R\$ 4,9 milhões; para o pronto atendimento, com raio X digital, foram destinados R\$ 780 mil; e para o HPS, mais de R\$ 4 milhões de investimento, justamente para a gente poder fazer...

De novo, eu queria reforçar que não existe milagre. Dizer que é fácil fazer, isso é pra discurso vazio. O que nós temos que fazer, realmente, é investir na tríade: estrutura/processo/resultado. Não adianta. Se as pessoas querem resultado, nós temos que investir em estrutura. E nós estamos fazendo isso, com melhorias no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, melhorias no Pronto Socorro. Também, através dessas emendas que vêm, em vários locais, ampliar serviços... Nós temos aí um trabalho...

E o Ver. Oliboni conhece muito bem que foi inaugurado o novo hospital de oncologia. Mas ele não nasceu ontem. Ele nasceu lá em 2014, quando a gente, numa discussão com o grupo hospitalar... E, felizmente, a gente resgatou o

documento em que a gente provocou o Grupo Hospitalar Conceição, na época, e começou toda a tratativa de uma rua, de uma praça, que foi desafetada para poder fazer isso. E isso demora dez anos. Não existe mágica para a gente poder fazer isso. Então, está lá o hospital, foi inaugurado, mas ele começa a operar somente em outubro. A inauguração ocorreu antes do começo, realmente, das atividades, mas as atividades vão começar, de fato, em outubro.

Nós, também, fizemos toda uma negociação em conjunto com o governo do Estado e o Tribunal de Justiça, em que R\$ 20 milhões serão investidos no Hospital de Clínicas, para a adequação de uma área de 1.800 m² só para o serviço de oncologia.

Também abrimos um serviço de oncologia dentro do Hospital Vila Nova, onde foi construído um prédio, que também não nasceu e brotou ali. Não nasce de uma hora para outra, necessita de recursos que precisam ser captados, bem como de serviços que precisam ser habilitados junto ao Ministério da Saúde. É importante sempre dizer aqui que nada acontece de forma sozinha no mundo. Porto Alegre não é uma ilha isolada, é uma cidade que precisa – não é, Ver.^a Cláudia, a quem cumprimento pela chegada? - de diálogo próximo com o Estado e com a União. E precisa de agilidade. Porque, entre promessas que nós vamos fazer, às vezes, um processo de habilitação demora mais de um ano. Nós temos pedidos de habilitação que tramitam há 12, 16 anos.

E, Ver. Oliboni, para o qual eu vou pedir uma ajuda, já que também tem contatos importantes, o maior investimento em urgência são os nossos prontos atendimentos. Nós vamos passar de seis mil atendimentos, no pronto atendimento da Bom Jesus e da Lomba do Pinheiro, para dez mil. Ou seja, nós vamos aumentar quase 50% da nossa capacidade de atendimento nas urgências dos prontos atendimentos. Nós estamos em torno de 80% da obra do pronto atendimento da Lomba do Pinheiro pronta, vamos entregar este ano, e da Bom Jesus da mesma forma. E aí a gente vai habilitar o processo para habilitação. São R\$ 300 mil que virão do governo federal, nós não podemos esperar um ano por esse processo, e o nosso compromisso, para poder colocar em funcionamento, para chegar a dez mil atendimentos/mês... Esses R\$ 300 mil

são essenciais... Lembrando que o Município coloca R\$ 1,8 milhão, por mês, o governo federal vai colocar R\$ 300 mil, e o nosso compromisso é ampliar o número de equipes e colocar emergência psiquiátrica nesses dois prontos atendimentos, Ver.^a Psicóloga Tanise, Ver. Oliboni, e Ver.^a Cláudia. É importante isso, Ver.^a Lourdes, eu queria muito que esta Casa nos ajudasse para que esses processos não sejam morosos e que sejam aprovados com rapidez, porque não adianta construir o sonho – um sonho que é a adequação e habilitação como UPA. Muitas pessoas dizem que a gente não tem UPA; a gente tem UPA, mas a gente não conseguiu habilitar por conta das exigências. O Postão da Cruzeiro, por exemplo, tem capacidade de produção do dobro de uma UPA, mas a gente não consegue, porque precisa fazer um investimento alto ali – talvez nem tão alto assim –, mas a gente não pode fazer um investimento, porque o prédio não é nosso e, até agora, a gente não conseguiu a propriedade dele. As pessoas olham, não é, Ver.^a Cláudia, e dizem: “Por que vocês não investem?” Porque nós somos proibidos de investir um montante alto de recursos em um prédio que é da União, pois o gestor público pode ser responsabilizado por estar colocando recursos municipais, e a União pode cancelar essa cessão. Então, esse processo já foi tratado por nós há mais de um ano e meio, e nada, nada. É por isso que a gente não investe. Às vezes, falar é fácil, discursos fáceis são para os fracos; para os fortes, é suor, lágrimas e muito trabalho.

Quanto ao Programa Agiliza, só para mostrar para vocês, ainda estamos colhendo frutos do Agiliza e temos, sim, dentro dos nossos orçamentos, a organização para um Agiliza permanente. Aqui a situação das obras previstas, nós estamos com 37 obras em andamento, e 6 novas obras iniciaram nesse quadrimestre; então, a gente não parou as obras. Lembrando da tríade, é fácil dizer que vou dobrar a capacidade, só se fizer ao ar livre, vereadora. É investimento em estrutura; não basta só investir em estrutura, em processo, como é que chega, como é que organiza, passa pela Atenção Primária em Saúde, vai através do nosso sistema de regulação para um serviço especializado, e, em seguida, vai para o hospital, retorna. Então, esse processo é um trabalho de organização de uma rede complexa que abarca não só Porto

Alegre, mas, especialmente toda a região metropolitana e o Estado do Rio Grande do Sul.

Aqui então algumas obras entregues. Os trabalhadores estão felizes, merecem o novo refeitório do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas. Embora não pareça importante, isso causou o fechamento da unidade de saúde. Então, troca de caixa-d'água, a gente está trocando a caixa-d'água e melhorias nas estruturas. A reforma da cobertura metálica da Unidade Álvaro Difini, que faz toda diferença para acolher as pessoas, algumas que foram entregues no quadrimestre, foi feita a pintura interna do Centro de Saúde Vila dos Comerciários. Pequenas obras, vereadores, a gente consegue fazer dentro de um prédio da União, pequenas obras, mas grandes valores a gente não consegue. Aqui, também fizemos a impermeabilização da laje de cobertura dos blocos A e C do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, que causava acúmulo de água. Mostrar quando a coisa acontece é fácil; eu queria que as pessoas viessem aqui e dissessem o que precisa para ajudar, porque mostrar a goteira, como alguns gostam de mostrar. Nós tivemos problemas, fizemos um processo de impermeabilização, chamamos a empresa, mas parece que tudo está ruim. Não! É um investimento alto que passa por um processo licitatório, que não pode ser feito à faca e facão, tem toda uma organização para a gente poder fazer esse processo.

Quanto ao financiamento, só para mostrar aqui para vocês, aplicar anualmente, no mínimo, 20%, lembrando que, no ano passado, foi 21,5%. Aqui estão alguns milhões, está cortando ali o *slide*, mas só para dizer para vocês o seguinte: no último quadro, à direita, R\$ 621 milhões do Município e R\$ 770 milhões da União. Por óbvio, isso ocorre por conta da alta complexidade, como transplantes, cirurgias cardíacas de grande porte, cirurgias neurológicas, que são responsabilidade da União, mas o Estado contribuiu com R\$ 116 milhões. Então, ainda temos muito que avançar como Rio Grande do Sul. Porto Alegre não é um estado da federação, não é independente do Estado do Rio Grande do Sul, apesar de alguns aí acharem que é, mas não é. É importante que o Estado também se comprometa a aplicar os 12% que deveria, porque, se retirarmos

todas as coisas, como IPÊ e outras, não chega a 12%, não chega. Nós estamos investindo 22% dentro desse processo.

As emendas parlamentares federais totalizaram R\$ 42 milhões, a gente agradece muito aos deputados federais que nos ajudaram nesses processos. As emendas parlamentares estaduais foram de R\$ 4,244 milhões e, nesta Casa, R\$ 32 milhões. Aqui, só para mostrar quanto cada um dos vereadores investe, e a gente tem o compromisso de cumprir todos os empenhos e tudo mais, não vou aqui detalhar. Então, agradeço muito a cada um de vocês que nos ajudou dentro desse processo, alguns dos milhões de reais que foram investidos na saúde com emendas parlamentares.

Aqui, eu só queria destacar que eu ouço muito as pessoas criticando o modelo de gestão que a gente implementou na Secretaria Municipal de Saúde através de parcerias. Nós acreditamos que a parceria pode, sim, dar certo, e Atenção Primária é um exemplo, apesar de ser muito triste ouvir as pessoas falarem as coisas que não sabem. Eu queria mostrar, tem um indicador ali que se chama ISF – Índice sintético Final –, dos indicadores do Previne Brasil, indicadores do Ministério da Saúde, que mede a eficiência, a eficácia, a resolutividade da Atenção Primária de saúde em todo o Brasil. A partir do momento que a gente começou o processo de parcerias, a gente foi evoluindo, 5,97; 7,14; 7,5; 7,79; 8,23; 8,5; 8,62; de uma escala até dez. E entre as capitais, a gente ranqueou entre as capitais, hoje, Porto Alegre é a capital com melhor índice, vereadores, com indicadores como proporção de gestantes com pelo menos 6 consultas de pré-Natal, que faz toda a diferença no acompanhamento, nascimento e mortalidade infantil, mortalidade materna; porcentagem de gestantes com realização de exames de sífilis, HIV, que a gente vem reduzindo bastante; proporção de gestantes com atendimento odontológico realizado; cobertura de exame citopatológico; e assim uma série de outros. Mas não são só esses indicadores, a gente monitora inúmeros indicadores que fazem com que a gente organize o nosso processo. Cobertura de 390 equipes de Atenção Primária à Saúde, contando saúde da família e Atenção Primária, que alguns esquecem de dizer, contam meias-verdades, não mentem, mas contam meias-verdades. Nós

não temos só 326 Equipes Saúde da Família, nós temos 326 equipes e temos o restante de equipe de Atenção Primária, que é uma modelagem que o Ministério da Saúde autoriza. Então, a gente tem esse processo importante.

Recursos humanos, queria destacar aqui que nós também fizemos investimento, retomamos o chamamento de profissionais. Só queria mostrar aqui para vocês que a gente evoluiu na ampliação de profissionais contratualizados, subiu ali, em amarelinho, é quanto que a gente tem no 2º quadrimestre comparado ao 1º quadrimestre, então a gente ampliou as nossas equipes com profissionais, tanto quanto contratualizados como próprios. Então, só para mostrar para vocês, foram nomeados 39 médicos, 17 técnicos de enfermagem, e assim sucessivamente. A gente está aos poucos recuperando esse processo, colocando novos profissionais, tanto contratualizados quanto profissionais de carreira do Município de Porto Alegre. Aqui também algumas coisas, agentes, cirurgiões de dentistas, enfermeiros, enfim.

Produção, só queria destacar aqui alguns e queria dizer o seguinte: vocês vão olhar ali que cirurgião dentista, no 2º quadrimestre, foi menor, mas é que, infelizmente, pelo *delay* que existe no Ministério da Saúde, nós não conseguimos pegar os dados de agosto, então não está contabilizado o mês de agosto. Mas eu fiz uma simulação pegando 113 e dividindo por 3, somado a média, nós vamos a 152 mil atendimentos de dentistas, se a gente tivesse os dados de agosto. Enfermeiro, de 315, nós íamos para 420 mil. Médicos, de 529, nós vamos a 712 mil, se não me falha a memória. Então, o nosso total, realmente, nós produzimos muito mais. Está menor porque os dados não estão contabilizando a produção de agosto, então nós estamos comparando quatro meses – janeiro, fevereiro, março e abril – com três meses – maio, junho e julho –, não contando agosto.

Aqui a produção dos pronto atendimentos. Estão inseridos os dados dos hospitais de campanha, vocês veem que até o número de pessoas que procuraram foi menor do primeiro para o segundo, talvez aí o impacto das enchentes, a impossibilidade de as pessoas acessarem e tudo mais, tenha

reduzido, mas não é muito diferente, na soma total não é uma diferença tão significativa.

(Manifestação fora do microfone.) (Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Não, só naquelas que são da Atenção Primária em Saúde, aqui está contabilizado. Para vocês poderem ver a classificação de risco, ainda a maior parte dos pronto atendimentos são de pacientes verdes, ou seja, menos graves. Eu queria reforçar que as unidades básica saúde atendem os pacientes verdes, azuis, pedir para a população ir procurar os pronto atendimentos, focar no laranja e no amarelo.

Vereador, o senhor quer um aparte?

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Não, só quero justificar a minha saída. Eu estou com um compromisso inadiável para às 11h, mas vou fazer um encaminhamento depois no seu WhatsApp.

SR. FERNANDO RITTER: Obrigado, vereador.

Aqui, só para mostrar para vocês, então, emergências em saúde mental, total de atendimentos no 2º quadrimestre foi 3.074 no IAPI; 4.729, olha como cresceu comparado ao 1º quadrimestre, isso nos preocupa, por isso nós fizemos esse investimento importante em botar psicólogos e psiquiatras. Claro, que também estava com problema das unidades de saúde, nós tivemos toda a questão das enchentes, o quanto isso afeta o dia a dia e a saúde mental das pessoas.

Aqui só mostrando a saúde mental, alguns números, a gente ampliou o quantitativo de agendas por mês. Lembrando, de novo, estrutura, não adianta querer, tem que ter estrutura, tem que ter dinheiro, tem que ter condições, ambiência para poder fazer isso, mas também tem que ter planejamento, organização. A gente aumentou o quantitativo de agendas por mês, o quantitativo de primeiras consultas também aumentou, e a gente foi evoluindo dentro desse processo. Tenham certeza, vereadores, vereadoras, amanhã nós

estaremos melhor do que hoje e hoje estamos melhor que ontem, esse é o nosso objetivo dentro desse processo.

Aqui, só para mostrar as consultas especializadas. Nós também tivemos uma oferta, comparando ao primeiro quadrimestre, que foi 24.224, para 25.085.

A distribuição de números e proporção de atendimentos segundo perfil de ligações para serviço móvel de urgência. Então, os trotes vêm baixando, isso é muito bom. A cada quadrimestre vem baixando, mas só para vocês verem, o total de ligações passou de 73.000 para 80.773. Claro que nós tivemos todas as enchentes nesse período, então teve um crescimento importante. E também o que gerou regulação, também cresceu bastante.

Aqui só para mostrar também os atendimentos realizados pelo SAMU: 54% são casos clínicos; 23% são traumas. Só para vocês verem, do primeiro quadrimestre, passou de 7.501 casos de trauma para 9.641 casos de trauma. Isso mostra o quanto as pessoas estão aceleradas no trânsito de Porto Alegre e outras questões. Acidentes não só no trânsito, mas outros.

Nas internações hospitalares, eu queria aqui destacar uma questão. Vocês veem que o Município de Porto Alegre ocupa 58% dos leitos e o interior 41,6%, mas ele se manteve estável. Tem um dado, aqui, vereador, que tu colocas, que é o seguinte: em compensação, o custo dos 41% do interior consome 55% do nosso dinheiro, ou seja, os pacientes vêm em estado mais grave, muito mais grave. Quando as pessoas falam da fila de Porto Alegre, é porque não conhecem as filas de outros municípios, que as pessoas estão esperando há 15 anos, vereadora, para conseguir um atendimento – 15 anos! E aí teve a unificação das filas, e o que nos surpreende é que as pessoas vêm num estado tão crítico, que elas passam na frente dos nossos, porque nós temos uma rede robusta, uma Atenção Primária que faz, que acontece, e nós temos que rever esse processo. É preciso que o Estado entre nesse processo de forma séria, que a gente possa pensar nisso. Nós estamos investindo 55% do nosso recurso financeiro – federal, estadual e municipal – para pessoas de fora de Porto Alegre – não, não, né?!

Aqui, só para mostrar também as internações: total de internações, blocos cirúrgicos, manteve-se mais ou menos estável, então não teve tanto

crescimento. Consultas especializadas: a gente cresceu em consultas especializadas. Então, a gente está tentando, está fazendo um esforço para reduzir a fila, mas, infelizmente, a gravidade das pessoas tem aumentado também.

Esse aqui é do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas. Nós mantemos constantes os números, a maior parte ainda é morador de Porto Alegre. Partos cesáreos diminuíram. É importante destacar que diminuíram os partos também. Isso também é um conjunto de ação. Tem alguns aí que dizem que a gente não faz controle de natalidade das famílias. A gente faz com excelência, os partos estão diminuindo. Em 2016, eu queria lembrar vocês, que nasciam 16 mil crianças em Porto Alegre; hoje, 12 mil crianças nascem em Porto Alegre. Então, nós temos um processo de pirâmide invertida: população envelhecida, doenças crônicas, saúde mental. Esse é o nosso foco principal. E quando as pessoas vão lá e dizem: “Não, mas fecharam a maternidade do São Lucas.” Não, a gente não fechou, a gente redirecionou para o Presidente Vargas e a gente investiu naqueles leitos em questões de doenças crônicas, porque o Hospital São Lucas está se especializando, ele tem o Instituto do Cérebro, ele tem um trabalho com geriatria, que a vereadora conhece muito bem – não é, vereadora? –, que é de excelência. Eles estão voltados para aquilo que epidemiologicamente precisa dentro do processo. Então, dizer que nós estamos desassistidos de maternidade não é verdade. Eu só queria lembrar também que, nesse quadrimestre, a gente conseguiu que o Ministério da Saúde se sensibilizasse e destinasse dinheiro do PAC para a construção da maternidade do Hospital da Restinga, que está lá, que vai ajudar a população. Não é uma questão de falta de maternidades, mas sim pela facilidade de acesso para aquela população.

Aqui, o Hospital de Pronto Socorro, a questão de produção do Pronto Socorro. Não vou entrar em detalhes, mas está ali o trabalho, eu só queria mostrar aqui que o custo médio/dia do paciente no Hospital de Pronto Socorro é de R\$ 3.969,24. Isso mostra a complexidade que os pacientes chegam: graves, salvam vidas. Não é em volume que a gente mede. Atenção, Estado, não é em volume que se mede o HPS, porque a partir do mês que vem o HPS vai perder R\$ 1

milhão, vereador. O Estado vai cortar um R\$ 1 milhão do programa Assistir do Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, porque eles dizem que a gente não produz tanto, mas é que a gente produz os casos graves, os politraumatizados, os queimados com 80% do corpo queimado, que o custo médio de um dia na UTI de queimados é R\$ 8,5 mil. É importante dizer. Medir por quantidade apenas, não mede a complexidade dos casos. Então eu queria uma ajuda de vocês para sensibilizar o governo do Estado, chamar os deputados para que sensibilizem o Estado. Estou pedindo uma reunião com a Secretaria da Saúde do Estado, para dizer assim: e aí, então vai mesmo cortar, vai ter a coragem de cortar, que nós vamos ter que suspender atendimentos no interior do Estado, porque é no interior do Estado que vai doer essa conta, não vai ser nos moradores de Porto Alegre. Nós não vamos deixar os moradores de Porto Alegre desassistidos; então é importante, talvez vidas se perderão, porque o que o Hospital de Pronto Socorro faz nos queimados, nenhum outro hospital faz. O investimento que a gente coloca, excelência clínica que a gente tem lá dentro, dos profissionais, não tem em outro lugar, mas o importante é produzir, botar... Uma tala engessada conta a mesma coisa que um paciente queimado, não dá, não é, gente! Não pode ser assim! Tem que ser revisto o Programa Assistir dentro do Hospital de Pronto Socorro, não pode ser tratado diferente, não pode ser tratado igual a outros hospitais, porque senão vou começar a produzir um monte de poucas coisas, de pequenos procedimentos; aí eu consigo ganhar mais recurso financeiro. É isso que a gente quer? A gente produzir um monte e ter uma mortalidade maior, é esse processo que a gente não pode mais aceitar. Aqui mostra um pouquinho sobre Atenção Domiciliar; então, nós temos 15 equipes, três novas equipes, que foram autorizadas pelo Ministério da Saúde, então vamos a 18 equipes do Programa Melhor em Casa, só para vocês terem uma ideia, número de visitas, as equipes multiprofissionais, média mensal de pacientes, são mais de 624 pacientes acompanhados – os que são acompanhados são aqueles pacientes que internam com frequência, que a gente faz atendimento domiciliar. Só para mostrar para vocês, a sífilis, a gente vem diminuindo, a transmissão vertical do HIV, a gente vem diminuindo, pela

ação de excelência; aqui as parceirizadas, junto com os nossos trabalhadores, servidores, equipes da Caist, e outras equipes, testes; então o número de testes, teve uma diminuição de testes ofertados, testes rápidos por causa, talvez, desta movimentação e fechamento de algumas unidades. Aqui mostra a cobertura vacinal, já falei um pouquinho, eventos. Programa Mãe Gaúcha, em parceria com o governo do Estado – são entregues *kits* para as mães que saem da maternidade, também está sendo feito aqui. É bacana, esse projeto é bem bacana. Eles fazem coisas boas também no Estado. Projeto Nascer – Fraldas, é um projeto nosso, está disponibilizando fraldas com objetivo de melhorar os indicadores de transmissão vertical de HIV, sífilis congênita. A gestante realiza o tratamento, acompanhamento, que a gente tem disponibilizado, Isso tem aderido mais as mães para o tratamento. Aqui também nossos protocolos – olha a tríade, processo, porque a gente só faz, baseado nas melhores evidências, com os melhores técnicos; então, esse aqui foi o protocolo de enfermagem, Atenção Primária à Saúde, que é toda capacitação, educação permanente. É isso gente, desculpe correr no final, obrigado.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito bem, secretário. Eu acho que seria preciso mais duas horas para gente entender todo esse complexo, este importante relatório, também nós aprendemos muito. Da minha parte, secretário, eu vou colocar um questionamento rápido sobre as maternidades. Nós temos os convênios; então, fechou o Mãe de Deus, fechou ali, aquele hospital na Glória, o Divina! Não?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Não fechou!

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Não. Então, fecharam dois: fechou a PUC...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: E o Ernesto.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Três. Não é da sua competência os convênios; então isso que nós temos falado, isso aí gera talvez um acúmulo na área do SUS, que vocês estão atuando, centralizou no Presidente Vargas.

SR. FERNANDO RITTER: Bom, vereadora, obrigado pela pergunta. É importante esclarecer isso, que nós somos Secretaria da Saúde; então, convênio, privado ou SUS, isso tudo faz parte da Saúde. Se não tivesse a saúde suplementar, se não tivesse saúde privada, talvez as pessoas teriam 100% SUS; aí a gente não teria condições, afinal de contas o SUS é subfinanciado. A tabela SUS não é corrigida há milhares de anos, não precisa dizer nada, o procedimento cirúrgico, hoje, de uma hérnia, a cento e poucos reais, uma vergonha – uma vergonha – dentro desse processo. Depois as pessoas não entende por que tem fila, não é só culpa nossa.

Então, sobre a questão da maternidade. Nós montamos planos de contingência. Eu acho que é importante, talvez a iniciativa privada... A gente conversou, esteve no Cremers, conversando com o presidente, com sindicatos médicos, enfim, dentro desse processo. Eu confesso, assim, primeiro que o fechamento da PUC foi planejado, não foi feito assim, sem uma organização. O hospital Materno Infantil absorveu. O Dr. Cincinato falou que absorveu esse processo, e não temos prejuízo algum. Talvez... Talvez não, com certeza as pessoas que moravam no entorno, que vinham da Zona Leste ali, Lomba do Pinheiro, tiveram prejuízo. Por isso a importância da maternidade. Eu já falei isso com a Ver.^a Cláudia – discutimos bastante sobre a maternidade da Restinga. Ela foi uma defensora incondicional dessa maternidade, junto com o Ver. Gilson Padeiro, foram, talvez, os que mais tencionaram esse processo. E eu disse que não é por falta de acolher as mulheres, mas é uma questão de distribuição, distribuição de acessibilidade; não é acesso, acesso é tu dares condição de a pessoa ser acolhida dentro de um serviço hospitalar para ter o seu bebê de forma digna e com qualidade. Isso nós temos, não falta. Ninguém vai ficar... Não nasce criança na sarjeta – apesar de alguns mentirem –, não nasce. Inclusive, o que mais nos impactou, Ver.^a Lourdes, não foi o fechamento da maternidade do Mãe de Deus,

não foi; foi o fechamento da maternidade dos hospitais do entorno de Porto Alegre – Alvorada, Viamão e Cachoeirinha. Isso impactou muito, isso impactou. Alvorada fazia 180 partos; agora, mês passado, estava fazendo 30, 40 partos. Está se recuperando, lento e gradual, como uma lesma. Entendeu? Sorte do Rio Grande do Sul que existe Porto Alegre organizada. Eu queria dizer isso. Temos problemas? Temos, sim. Eu queria usar leitos desses para poder fazer mais cirurgias, mais atendimentos clínicos das pessoas? Eu queria. Para ter leito de retaguarda? Eu queria. Mas nós não vamos deixar nenhuma mãe desassistida, isso é compromisso e questão de honra; a nossa gestão não vai deixar. Nós montamos o plano de contingência; nós fechamos, inclusive, maternidades, por curto espaço de tempo, para poder fazer a limpeza, fazer adequações, fazer situações que são importantes para ter segurança no atendimento à pessoa. O Hospital Mãe de Deus já anunciou, nessa reunião com o Cremers, que vai retomar a maternidade no ano que vem. Não teve impacto, zero impacto, zero impacto. Do Ernesto, já fechou há muito mais tempo, isso já foi absorvido; do Hospital São Lucas também foi absorvido.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Tudo no Fêmina?

SR. FERNANDO RITTER: Em vários. No Fêmina, na Santa Casa, no Clínicas, no Presidente Vargas e no Hospital Conceição. Esqueci alguma maternidade? São essas cinco, não é? São essas cinco maternidades. Então nós temos cinco maternidades, vamos ter seis maternidades, seis. E nós vamos conseguir acolher todas.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Vou ser rápida aqui. Sobre a vacinação: que tipo de vacinação tem nos postos, agora, para adultos?

SR. FERNANDO RITTER: Todas as vacinas que são para a idade, assim, de cabeça, eu não vou saber dizer, mas as vacinas tradicionais: de gripe, a gente tem todas; de covid, todas. E as vacinas que são... Normalmente, adulto não

precisa tomar tanta vacina que nem criança; mas, se precisar tomar a do tétano, tem em todas unidades a vacina. Qual mais? Ajuda aí, pessoal. Raiva. O que mais para adultos?

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Raiva?

SR. FERNANDO RITTER: É sim, vereadora.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Parece que não... (Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É o seguinte, a gente não teve casos de raiva humana, mas a gente não quer ter, entendeu? Porque a gente vacina para não ter, a gente não espera ter para vacinar.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): E assim, secretário, para encerrar e passar para os outros vereadores e para o público, sobre o processo odontológico, a inscrição para o atendimento odontológico é junto aos postinhos? Eu chamo de postinho porque é como eu sempre chamei, postinho de saúde.

SR. FERNANDO RITTER: Isso. Bom, aí tu vais mexer na minha área, especificamente. São 207 Equipes de Saúde Bucal que nós temos no Município de Porto Alegre, espalhadas nas Unidades de Saúde. Infelizmente, ainda temos algumas Unidades de Saúde que ainda não têm Equipe de Saúde Bucal, mas nós vamos botar em todas, vamos botar em todas.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Só se dirigir ao postinho?

SR. FERNANDO RITTER: Só procurar a Unidade de Saúde mais próxima de sua casa, sempre vai ter uma Unidade de Saúde referência. Nós crescemos o

número de equipes. Se precisar encaminhar para o Centro de Especialidades Odontológicas para fazer tratamento de canal, cirurgias complexas...

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Lá no IAPI?

SR. FERNANDO RITTER: Não, nós temos não só no IAPI, são seis Centros de Especialidades Odontológicas. Nós temos no IAPI; temos na Bom Jesus; temos na UFRGS; temos aqui no Centro de Saúde Vila dos Comerciantes; temos no Santa Marta e... Esqueci o outro, fugiu. Mas queria dizer que nós teremos mais dois. Estamos, então, em tratativa com a faculdade de Odontologia da PUCRS e com a faculdade de Odontologia da UniRitter, que vão ter também dois Centros de Especialidades Odontológicas.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Então, para encerrar, dizer que estou muito satisfeita que o educador físico entrou nas equipes. Isso foi na época da covid, quando nós alteramos uma lei aqui na Câmara, da qual eu fui autora, devido às academias fecharem, às pessoas ficarem desempregadas. Agora, temos o educador físico na saúde, na sua secretaria, e esperamos o médico veterinário.

SR. FERNANDO RITTER: É isso aí, está no nosso horizonte.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Eu sei, secretário, e eu fico muito satisfeita. Eu quero anunciar que também estão presentes o Sr. Alexandre Sartori, representando o Conselho Regional de Farmácia do Rio Grande do Sul – se quiser, ainda pode ocupar aqui cadeira à Mesa –, e a Dra. Paula Carvalho, representando o prefeito, da Procuradoria do Município, mas teve que sair de imediato. Eu passo a palavra aos meus colegas vereadores.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Bom dia a todos. Parabéns, secretário Fernando Ritter, pela tua apresentação. A gente vê, pela

tua fala, que não é fácil ser secretário, tem que ter muita sabedoria, muita serenidade, muita gestão, paciência. E, mesmo diante de tantas dificuldades, a nossa saúde aqui, a Secretaria Municipal da Saúde tem feito um excelente trabalho, na minha percepção. Eu quero, na verdade, te parabenizar pelo trabalho, em especial as equipes multidisciplinares. Para Porto Alegre, isso foi uma conquista muito grande, porque, no que se refere à área da saúde mental, hoje, se qualquer pessoa tiver um problema referente à saúde mental – ansiedade, depressão, qualquer outro problema – e procurar uma Unidade Básica de Saúde, vai ser encaminhada ou para as Equipes de Saúde Mental, que são as EESCA's e as ESMA's ou os CAPS, só que este encaminhamento, infelizmente, às vezes leva um ou dois anos; eu conheço pessoas que me dizem que estão há três, quatro anos esperando. Se já tem agora essas equipes multidisciplinares, multiprofissionais, nas Unidades Básicas de Saúde, vai desafogar essa fila da saúde mental e isto é fantástico, isso tem que ser divulgado assim muito, muito, muito. Então quero te parabenizar; são 24 equipes, isso vai atingir 48% das Unidades Básicas de Saúde, vamos lutar para ampliar essa cobertura aí nos próximos anos, mas eu tenho duas colocações. A primeira é a questão dos CAPS, que vão ser feito mais três CAPS na Restinga, Lomba e Morro Santana, se tem alguma previsão quando começa, se tem alguma ideia sobre isso; e a segunda é mais uma sugestão, na verdade, eu não sei se eu não prestei atenção na apresentação, mas eu não vi nada sobre o centro de autismo...

SR. FERNANDO RITTER: Eu só citei.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Ah, está, de repente colocar mais informações de como está a lista de espera enfim. Acho que foi tão rápido que eu não prestei atenção. Perdão.

SR. FERNANDO RITTER: Eu fui rápido.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (MDB): Então está; era isso. obrigada.

SR. FERNANDO RITTER: Obrigado, Ver.^a Tanise. Eu que fui rápido ali dentro do processo, por causa do tempo. Primeiro os CAPS; são três CAPS, são dois CAPSi e um CAPS adulto. É isso? Falei errado? Não! Está certo. Isso, exatamente. Estão sendo feitos esses projetos. Se a gente conseguir receber esses projetos o quanto antes, aí a gente abre o processo se licitar, porque são, agora me fugiu da memória, mas, um, com certeza, é uma emenda parlamentar de uma deputada federal, e outros dois são PAC, recurso federal, quero dizer que isso sozinho não vai, a gente vai ter que complementar. O dinheiro que vem não é o suficiente para construir tudo, equipar e tudo mais. Então, assim que a gente tiver, a gente já faz uma suplementação de orçamento, e aí conto com o apoio de vocês para a gente poder. Eu preciso botar esses três CAPS em funcionamento o quanto antes. Precisamos muito, muito mesmo.

E a questão do autismo, bom, o autismo, a gente tem várias frentes; o centro de diagnóstico do transtorno do espectro autista acho que é um case de grande sucesso. Talvez que sirva de exemplo nossas façanhas para todo o Brasil, pela excelência de trabalho que a gente faz, eu digo que aquelas famílias são de sorte, porque nem no privado tem o que lá tem. São 300 famílias que têm um trabalho de qualidade, assim, vereadores que não foram lá que, por favor, conheçam; nós temos até óculos 3d, mas, o nosso problema, por isso que nós fizemos várias frentes, vereadora...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Não, mas a gente não vai investir só em Certa, não é só o Certa. O Certa não é a única solução do problema. Nós botamos, então, equipes multiprofissionais dentro das Unidades Básicas de Saúde, porque eu preciso fazer a transição do cuidado. A pessoa que vai para o Certa precisa ser feito o atendimento, o acompanhamento, e ele precisa voltar para lá para eu

poder abrir vaga aqui, eu preciso abrir vaga. Mas, para isso, eu preciso dar um atendimento lá, por isso a gente está botando fono, fisio, educador físico, psicólogo, psiquiatra, para a gente poder fazer isso, e a gente vai fazer a transição do cuidado para lá...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Neuro, a gente não vai botar na Unidade Básica de Saúde. Não, mas tudo bem, mas tu não precisas ter todos dentro da Atenção Primária da saúde. Ele pode estar vinculado ao Certa para algumas coisas, não precisa ser para tudo. Eu preciso que ele vá e que aquele fono, fisio, terapeuta ocupacional, que tem no Certa, ele faça atender; em vez de eu ter 300 famílias sendo atendidas, eu tenho 500. Nós temos sim, e é uma emenda aqui do Ver. Claudio Janta, de a gente construir um novo Certa, nós vamos construir um novo Certa; deu um probleminha agora no terreno ali, porque também estava reservado, nós vamos ter que pensar num outro local, vamos ter que verificar essa situação aí, mas estamos correndo para...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É, talvez não dê, talvez; não está descartado totalmente, mas a gente está vendo outros terrenos dentro desse processo, mas vai sair, vai sair, é compromisso nosso de sair. A gente tem ideia de botar quatro Certas; um por região, aumentar as equipes multiprofissionais dentro das unidades da saúde, e nós vamos abrir um serviço especializado dentro do Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas, em parceria com a Pontifícia Universidade Católica, onde nós vamos fazer curso de formação para transtornos do desenvolvimento, não só autismo, porque nem toda aquela fila de 2.500 pessoas é autismo. Às vezes é outra coisa entendeu, que não precisa estar lá dentro. Então a gente vai montar um serviço que vai começar, pretende começar no ano que vem, para fazer isso. Então são várias frentes sabe, não é

um modelo único. E também nós temos o CER, nós vamos largar o edital para a contratação agora; acho que saiu o edital né, me refresca a memória, gurias, saiu o edital, não é, Tati? Como é que é o nome do edital? Edital para credenciamento de serviços especializados em atendimento de autismo. É isso, não é? É isso. Resumindo, então saiu um edital agora, está aberto o credenciamento para instituições privadas, inclusive até queria que vocês disponibilizassem aqui para a Casa, para que a gente compre vaga, que a gente compre vaga para as pessoas, para atendimento. Então são várias frentes que a gente está fazendo isso.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É, os CAPSi, aumentar; talvez transformar em um CAPS III, alguma coisa assim.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Isso é uma discussão, vamos ter que conversar melhor sobre isso, vamos conversar melhor sobre isso, porque tem uma questão aí de saúde mental e autismo que se interseccionam, mas tem alguns que não têm problema de saúde mental, mas têm problemas de desenvolvimento. Então se mistura e se confunde um pouco dentro desse processo, mas é isso do autismo.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Tem algumas coisas que eu queria pontuar, que eu cheguei um pouquinho depois, talvez tu tenhas falado e eu não tenha ouvido, mas me preocupa bastante a questão da traumatologia. Eu sempre falo isso contigo, e aquela fila que eu digo que é fantasma e que tu dizes que não é do Independência que a pessoa vai lá e consulta na Atenção Primária, é encaminhada e ela vai para casa e espera a cirurgia. Ela espera um ano, dois anos, três anos, cinco anos, dez anos e não acontece, e ninguém sabe onde ela

está na fila. Isso é uma coisa que eu acho que a gente precisa resolver. Achar uma solução para que isso seja transparente, porque a gente não tem essa transparência. Então isso é uma coisa assim: a pessoa se quebra, se conserta sozinha e depois é chamada para ser operada e que, às vezes, nem adianta mais. Eu tenho casos reais disso. Depois, eu queria que tu falasses também a questão... tu falaste da oncologia, a gente esteve no Hospital Vila Nova, mas aquilo lá, hoje, ainda é só ambulatorial, pelo que eu sei. Faz os atendimentos...

SR. FERNANDO RITTER: Faz quimio.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Já começou agora então? Porque isso era uma coisa que não se tinha ainda, eram só as consultas ambulatoriais. E é um espaço que comporta talvez. Eu queria que tu falasses alguma coisa e se tem outras opções da questão oncológica, porque eu acho que ela é a mais grave e mais urgente de todas, porque o tempo urge para salvar uma vida com relação à oncologia. Eu também queria que tu falasses sobre endometriose e fibromialgia, porque a gente já tem lei, a gente já tem cartãozinho, a gente já tem tudo, mas se vê muita gente na fila esperando esse tipo de atendimento. E até foi aberta lá no Presidente Vargas a questão da endometriose, eu não pude estar presente. E a questão também da Atenção Primária dos postos de saúde, que tu falaste que agora nós temos mais equipes e tudo mais, nós temos muitos postos até as 22 horas, mas eu recebo muita reclamação de que não tem médico. Então, eu preciso que tu me digas com relação a essas equipes como é que funciona esse trabalho dos postos que ficam até mais tarde. Se realmente até as 22 horas a gente tem médico, porque não adianta ter posto aberto e não ter médico para atender. Queria deixar um encaminhamento para a Ver.^a Lourdes que tu falaste de uma movimentação da Câmara com relação ao Hospital Pronto Socorro. Eu acho que isso é extremamente importante. Eu sou vítima de 20% de queimadura do meu corpo e eu sei muito bem o que é a gente precisar desse atendimento. Eu acho que o Cristo Redentor também é bem bom, mas ainda é precário, porque ele não tem condições muitas vezes de ampliar.

Lá tem a Dra. Graça, que é maravilhosa, que foi quem me atendeu, mas a gente precisa ampliar; são oito leitos no Cristo Redentor se não me falha a memória.

SR. FERNANDO RITTER: Três.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Eram oito na minha época, então, assim, só piora.

SR. FERNANDO RITTER: Três habilitados.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): O encaminhamento é que a gente faça uma mobilização enquanto Comissão de Saúde, que a gente faça uma reunião com o Estado, com a Secretaria da Saúde do Município e do Estado, que a gente publicize isso, porque isso precisa vir à tona, porque é um absurdo o HPS perder R\$ 1 milhão no atendimento. Então a gente tem que botar isso para que todo mundo saiba o que está acontecendo, porque isso não pode acontecer dessa forma, e eu sou parceira para a gente trabalhar essa questão. Eu queria também te perguntar, para encerrar, a questão do Ibsaúde – Instituto Brasileiro de Saúde, Ensino, Pesquisa e Extensão para o Desenvolvimento Humano –, porque eu fiz uma emenda de R\$ 270 mil para um carro odontológico e eu quero saber quando é que isso começa a estar ativo. Obrigada.

SR. FERNANDO RITTER: Obrigado, vereadora. Eu vou começar pelo último, do Ibsaúde, eu conversei com eles semana passada, eles estão finalizando o processo de compra e até me ofereci para fazer o primeiro atendimento. Vai sair – auxiliar de saúde bucal lá –, vai sair. Já está na conta deles e eles estão operacionalizando para executar isso.

Bom, fila do Independência, ela diz que é fantasma, mas eu digo que não é fantasma, porque a gente sabe que ela é grande dentro dos processos.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: A gente tem isso, a gente tem esse dado, não tem problema. Eu queria que o Estado do Rio Grande do Sul fosse público, porque só nós somos público aqui. Eu queria.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Pois é, mas é que me ajuda aqui também, porque nós já somos bastante transparentes, mas eu vou fazer isso, não tem problema nenhum. Mas, o que acontece? Aqueles prazos não estão tão corretos, porque, como a gente tem um projeto, a gente ampliou a oferta de serviços, vai ser mais rápido do que aquilo que as pessoas receberam. A gente já está puxando pessoas para cá. A gente organizou para o orçamento do ano que vem um agiliza permanente, são R\$ 5 milhões por mês só para andarem as filas. Eu vou focar em oftalmo, ortopedia e traumatologia, traumato não, mas ortopedia. O que faz com que a fila da ortopedia aumente? Infelizmente é a traumatologia, porque, assim, como fechou Alvorada, Viamão, o Pronto Socorro de Canoas está prejudicado e o Assistir – Programa de Incentivos Hospitalares – desassistiu a Região Metropolitana, especialmente os hospitais públicos, porque, em valor, aumentou, mas aumentou para alguns sem aumentar muito a produção; ele compensou perdas, mas não teve recurso. Quer dizer, de aumentar produção não teve tanta, mas diminuiu recursos, conseqüentemente produção dos hospitais públicos da Região Metropolitana. Então, Alvorada veio para Cachoeirinha, eu imputo muito da crise que tem um problema de gestão ali obviamente, imputo muito a crise pela questão de cortes. Porque o hospital de Viamão disse que não quer mais traumato, porque dá prejuízo, e as pessoas vão para aonde? Para Porto Alegre, para o Pronto Socorro. Eu não posso deixar uma pessoa com uma fratura exposta, não exposta, não importa, sequelada, perder o movimento. Então, o que eu faço? Eu dou mais água para a traumatologia, que aumentou muito, se eu olhar historicamente, eu não tenho aqui, mas no gráfico aqui tem, a gente aumentou muito a oferta de cirurgias de ortopedia e

traumatologia, só que a traumatologia consumiu, e eu tive que diminuir a ortopedia, que são doenças crônicas para compensar, para não deixar um exército de pessoas sequeladas permanentes. É escolha, é escolha, infelizmente é uma escolha, mas eu não vou resolver Porto Alegre sozinho, eu preciso que seja investido em Alvorada, Viamão, Cachoeirinha, Gravataí, Canoas, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo. Não adianta, gente, a rede é ampla, e a pessoa, na dúvida, eu prefiro ficar 12 dias esperando no Pronto Socorro, mas eu sei que eu vou ter a cirurgia, do que eu ficar 45 dias em algum hospital e não ter perspectiva nenhuma e consolidar a fratura de forma errada, dentro do processo. É um problema, eu admito, eu gostaria de ter resolvido. Tudo o que a gente investiu para reduzir a ortopedia, a gente consumiu com o aumento do número de pessoas que procuram a traumatologia em Porto Alegre. Esse é um problema, temos que discutir, preciso da ajuda. Aí fazer mutirão para a gente poder fazer isso, óbvio, mas é um mutirão permanente que vai entrar no escopo da produção diária.

Oncologia, a oncologia realmente começou ambulatorial, mas já, se não me falha, há três meses já está... Ainda quando eu estava lá no auge da enchente, a gente já começou um processo de quimioterapia e agora foi habilitado o serviço junto ao governo federal e passa a receber recursos federais, que antes estavam custeados pelo governo do Estado. Finalmente, custeado pelo governo do Estado. Além disso, tem o hospital que foi inaugurado precocemente, mas ele vai começar só em outubro, hospital de oncologia do Grupo Hospitalar Conceição, e obra que foi aprovada, o projeto, tudo certinho, vai ser feita a licitação e a obra começa o ano que vem, do serviço de oncologia do Clínicas, são 1.800 metros quadrados, acredito, pelos dados dos nossos técnicos. Com esses três serviços funcionando a pleno, nós estaremos numa outra situação, num outro patamar. Do Clínicas, previsão de conclusão, final de 2025; o Conceição entra em operação em outubro, e o Vila Nova se potencializa ao longo do tempo, está se potencializando.

Então, endometriose. A gente abriu um serviço especializado no Hospital Materno Infantil Presidente Vargas, a gente quer potencializar. Isso é uma

mazela. Quantas mulheres sofrem com endometriose? Isso tira a qualidade de vida, é um inferno a vida de uma família com esse processo, é desumano, dentro disso. Por isso nós montamos um núcleo, tem hoje uma lei estadual, do deputado Vitorino, que coloca a possibilidade, nós somos os primeiros, nos aderimos sabendo que isso é uma dor que só quem tem isso na família sabe quanto é de sofrimento, tira a qualidade de vida, a saúde mental é afetada e outras questões. Então a gente vai potencializar isso, mas tem outros serviços, o Santa Casa também tem, e nós estamos estimulando, porque é subfinanciado pela tabela SUS, para variar, subfinanciado, ninguém quer, entendeu? Só os hospitais públicos, com recursos públicos, próprios, que se aventuram, Dr. Cincinato, para a gente poder fazer isso.

Fibromialgia. Tem a lei, tem o processo. Uma das coisas, quando a gente fala em equipes multiprofissionais não é só saúde mental, mas também o fato de ter fisioterapeuta, a gente ter educador físico, a gente ter nutricionista, a gente ter isso dentro da Atenção Primária, vai tentar desafogar. A gente tem esse objetivo de desafogar isso, porque a fibromialgia também sequela a pessoa silenciosamente, a pessoa sofre com dores constantes. E a gente quer potencializar também práticas integrativas e complementares que ajudam muito nisso para a gente poder aliviar dores e tudo mais. Então a gente tem tentado potencializar, sim.

Com relação a não ter médico nas unidades, eu desconheço, desconheço, se tiver alguma unidade, eu quero que feche, não é para não ter. Não tem todos os médicos de todas as equipes... Não, mas tem. Se não tiver, me liga, me liga mesmo, me liga duas, três, quatro horas da manhã, se for necessário, antes das dez horas, me liga, entendeu, porque não é para acontecer isso. Se aconteceu, foi assim pontualmente, o médico não compareceu ao processo, não é para acontecer. Tem inclusive regras nas contratualizadas para isso, para a gente poder dizer. Claro que atendo. Vai dizer que eu não atendo? Atendo, atendo todos. Mas era isso, agradeço, obrigado pela oportunidade, fico à disposição e quero dizer que nós ainda temos um longo caminho para o SUS que a gente quer e ficamos à disposição.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Está bem, secretário, só para dizer para a Ver.^a Cláudia que na área de queimados tem um *laser*, com as nossas pequenas emendas, que a gente contribuiu, ajuda bastante, menos tempo de internação. Muito obrigada pelas informações, por todo este relatório amplo e nós também estamos aqui à disposição. Vamos tentar essa audiência, encaminhar o pedido, vamos ver se mais pessoas nos recebem e aí falamos com secretário para ver quem pode, também de entidades externas, acompanhar. Eu agradeço, muito obrigada, dou por encerrada esta reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h32min.)

TEXTOS SEM REVISÃO